



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ALDENIRA LACERDA DA SILVA BARBOSA

**RELEXÕES IDEOLÓGICAS COLONIAIS E PÓS-COLONIAIS EM
CONTRAPONTO COM O FEMINISMO**

SERRA TALHADA

2018

ALDENIRA LACERDA DA SILVA BARBOSA

**RELEXÕES IDEOLÓGICAS COLONIAIS E PÓS-COLONIAIS EM CONTRAPONTO
COM O FEMINISMO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação como Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Licenciatura Plena em Letras, da Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Professor orientador: Jean Paul D'Antony Costa da Silva

SERRA TALHADA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

B238r Barbosa, Aldenira Lacerda da Silva

Reflexões ideológicas coloniais e pós-coloniais em contraponto com o feminismo /
Aldenira Lacerda da Silva Barbosa. – Serra Talhada, 2018.

37 f.

Orientador: Jean Paul D'Antony Costa Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letra) – Universidade
Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2018.

Inclui referências.

1. Colonialismo. 2. Feminismo. 3. Literatura africana (Português). I. Silva, Jean Paul
D'Antony Costa, orient. II. Título.

CDD 400

ALDENIRA LACERDA DA SILVA BARBOSA

**RELEXÕES IDEOLÓGICAS COLONIAIS E PÓS-COLONIAIS EM
CONTRAPONTO COM O FEMINISMO**

Monografia apresentada e aprovada em: __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jean Paul D´Antony (UFRPE/UAST)
(Orientador)

Profa. Dra. Nicole Louise Macedo Teles de Pontes (UFRPE/UAST)
(Examinadora 1)

Prof. Me. Filipe Lima Silva (UFRPE/UAST)
(Examinadora 2)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho á Deus primeiramente, que iluminou meu caminho me dando forças e coragem para não desistir e enfrentar de cabeça erguida às dificuldades da vida. Aos meus pais Edmilson Gonçalo e Maria Rita da Silva, que sempre me incentivam e me apoiaram a cada passo e queda que a vida me deu, minha filha Ana Júlia Lacerda, aquela que mesmo tão pequena me encoraja a seguir em frente e a não desistir, com sua ternura e seu carinho, sendo minha fortaleza, dedico em especial a Juberlândio Barbosa e Rita M^a da Conceição (em memória) duas pessoas que foram muito importantes durante essa toda minha vida, na caminha acadêmica, me apoiando, e incentivando e que tenho as melhores lembranças guardadas comigo, a todos os meus familiares, amigos e professores que me incentivaram de forma direta ou indireta durante esta minha jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida e , por ter me dado saúde e coragem para superar as dificuldades postas no meu caminho.

A meus pais Maria Rita da Silva e Edmilson Gonçalo, pelo o amor incondicional, pelo incentivo e apoio nos momentos em que mais precisei, fortalecendo-me e sendo o ponto principal dessa minha caminhada.

A minha filha Ana Júlia Lacerda, por ser minha inspiração, mesmo tão pequeninha me dar forças e coragem para persistir e continuar em busca dos meus objetivos mesmo com as dificuldades da vida. Ao meu esposo Juberlândio Barbosa (em memória), pelos momentos lindos que passamos juntos, incentivo e por me ajudar sempre na minha caminhada acadêmica, pelo o amor e a dedicação que me proporcionou, sempre vai ser lembrado em minhas memórias.

Ao meu orientador, profº Dr. Jean Paul D'Antony pela paciência, apoio e a confiança em mim depositada e pelos os ensinamentos compartilhados. A todos os professores que passaram por mim durante toda minha vida acadêmica, por ter me proporcionado conhecimento e me ajudado intelectualmente.

A minhas irmãs Edivirgem Lacerda e Jailma Lacerda, que me apoiaram e sempre me incentivaram a não desistir. Aos meus amigos Evelyn Cristina, Jonatas Lima, Jeane Maria, Irenice Tenório e Pollyana Gomes por está presente em todos os momentos principalmente nos momentos difíceis da minha vida e pela amizade verdadeira que construímos durante essa jornada acadêmica. Enfim a todos que direta ou indiretamente contribuíram para realização desse sonho, o meu muito obrigado.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma revisão histórica do colonialismo a cerca da questão conceitual do “pós” em pós-colonial/pós-moderno a fim de problematizar os aspectos relevantes relacionados ao movimento feminista dentro de um sistema político social da sociedade moderna, que ainda possuem regras e marcas culturais meramente patriarcal. O estudo busca compreender os elementos históricos e culturais da formação identitária. Detendo-se a um estudo das marcas culturais, da formação de um conjunto de temas ligados ao período do colonialismo e pós-colonial, demonstrando o espaço destruidor nas guerras, especificando o modo como as (traumáticas) experiências do colonialismo e pós-coloniais refletiram na formação e nas literaturas africanas de expressão portuguesa. Com o apoio teórico iremos dialogar com os seguintes autores: Inocência Mata (2013), Rosane Vieira Pezzondipane (2013), Sofia Aboim (2008-2012), Homi Bhabha (1998), Foucault (2002- 2012), Hall Stuart (2005), Lincoln Secco (2003).

Palavras-chave: Colonialismo. Feminismo. Literatura africana (português).

ABSTRACT

The present work has as a goal to show an historical review from colonialism around the conceptual of post in postcolonial/postmodern wanting to problematize the relevant aspects related to Feminism movement inside politic system, social modern, that yet brings rules and cultural brands merely patriarchal. This study searches understanding the historical cultural elements and cultural of identity formation. Stopping in review the group of themes linked to colonialism and postcolonialism period, demonstrating the destroyer space in colonized nation and their reformulation in modernity and globalization, either specifying the way like the traumatic experiences from colonialism and postcolonialism reflected in African Literature Portuguese formation in the theoretical support we will dialogue with the following authors: Inocência Mata (2013), Rosane Vieira Pezzondipane (2013), Sofia Aboim (2008-2012), Homi Bhabha (1998), Foucault (2002- 2012) Hall Stuart (2005) Lincoln Secco (2003) .

Keywords: Colonialism. Feminist. African literature (Portuguese)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I Contexto histórico de Moçambique: do colonialismo até o pós-colonialismo, marcas históricas.....	12
1.1 Pós-colonial e pós-moderno.....	18
1.2 A formação da identidade social e cultural do mundo globalizado, causas e Consequências do colonialismo e pós-colonialismo	26
CAPÍTULO II O feminismo.....	31
2.1 Feminismo-gênero.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS.....	42

INTRODUÇÃO

O período colonial foi marcado por uma dominação excessiva e violenta de uma nação sobre outra, cujo país colonizado era explorado não somente pelo trabalho escravo, mais em todos os aspectos, no sistema econômico-político do país, na cultura, na qual o a nação colonizada eram obrigados a seguir a cultura do colonizador sendo majoritariamente obrigados a deixar de seguir suas origem e tradições. Durante todo esse período a classe dos marginalizados, subalternos, mais oprimidos ficaram retidos de seguir a sua origem tradicional e cultural, e tiveram a voz silenciada. Valem destacar aqui os sujeitos sociais que formavam essa classe: mulheres, negros, crianças, idosos, pobres, escravos e etc.

Com o “fim” da colonização Europeia, após a segunda guerra mundial surgiu o termo Pós-colonial, usado por vários historiadores para referir aos países recém-independentes. O termo pós-colonial pode ser visto como uma polissemia ideológica, sobretudo quando ligamos ao contexto histórico latino-americano, do qual as discrepâncias, interpretativas vista a um hibridismo e subjetivismo que se origina a resistência, nesse sentido o termo pós-colonial está meramente ligado ao tempo histórico marcado pelo sistema majoritário de dominação colonial.

A ideologia pós-colonial pode ser aplicada para destacar o papel indispensável do colonizador e colonizado na visão analítica das relações sociais, políticas e culturais relativas ao poder, ou seja, o poder não percorre a uma única via no que diz respeito ao explorador/explorado assimilado ao centro/periferia, mas sim, passa a interagir na dinâmica entre as duas entidades mesmo com toda diferença. Será que o termo pós-colonial na prática correspondia a sua ideologia? Os países que se dizia recém-independentes, estavam verdadeiramente libertos ou, esse termo era utilizado como pretexto ideológico manipulador? Como ficaram os países Africanos após a sua “independência”? No decorrer desse estudo trataremos de fazer uma revisão histórica em destaque da nação moçambicana e rever analiticamente questões referentes a esse termo sendo averiguado o sentido cronológico dos acontecimentos.

Para tanto, o nosso trabalho foi dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo discutimos sobre o contexto histórico de Moçambique, para entendermos melhor sobre como se deu o processo colonial e pós-colonial nesse país, apresentaremos um panorama histórico e cultural até a globalização abordando os aspectos históricos e culturais no período do colonialismo, para melhor entendimento da descolonização e pós-colonialismo.

Nos subcapítulos apresentaremos também questões relacionadas ao pós-colonial e pós-moderno sob a desconstrução eurocêntrica, e a formação da identidade social e cultural no mundo globalizado, no qual destacaremos aqui os problemas causados pela influência do colonialismo e do pós-colonialismo. Ainda no primeiro capítulo apresentaremos uma abordagem sobre a identidade social e cultural relacionadas a masculinidade, hegemonias e dominação e hibridismo as visões em torno da questão do hibridismo cultural, organizado no pós-modernismo na imensa tentativa de reconstruir a identidade de um povo em meio as diversidades culturais.

O segundo capítulo mostrará a teoria feminista como genealogia do poder observando perspectiva de gênero, entre os espaços coletivos de cidadania e o espaço individual de desigualdade, a relevância das ideologias feministas na formação identitária da mulher, na resistência às classes dominadoras, na forma como elas representam a subalternidade e a voz silenciada da mulher dentro de uma sociedade com marcas do colonialismo ainda impregnadas nas regras sociais.

Assim esse estudo busca observar esses elementos analisados a escrita subjetiva, aspectos históricos, cultural, de representação inovadora numa perspectiva de construção identitária mediada pelo o passado histórico, social, cultural, econômico e das memórias do povo Africano e do feminino. Por fim, nas considerações serão apresentados os resultados deste estudo.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DE MOÇAMBIQUE: DO COLONIALISMO AFRICANO ATÉ O PÓS-COLONIALISMO, MARCAS HISTÓRICAS.

O processo de independência dos estados Africanos se deu devido a conjugação de forças formadas por elites militares políticas instaladas no poder, cujo interesse eram internos baseados no capitalismo nacional.

Após a Segunda Guerra Mundial, as potências europeias descolonizadores pensaram que podiam simplesmente cair fora das suas esferas coloniais de influência, deixando as consequências do imperialismo atrás delas. Mas a interdependência global agora atua em ambos os sentidos. (HALL STUART. 2005 P.81)

Segundo Lincoln Secco, na África o neocolonialismo ainda não havia transitado para uma dominação indireta, apoiada em elites políticas domésticas convenientemente instaladas no poder e associadas a interesses externos (SECCO, 2003, p.192).

Foram essas conjugações de forças que originaram e auxiliaram para a formação e distribuição territorial do continente Africano, formado novos estados. O intuito e propósito dessa divisão territorial do continente Africano na verdade era formar esses pequenos estados sem poder, de domesticação dos mais oprimidos de modo que não eram oferecidos meios reais de libertação, continuando de forma indireta, sendo colônias ainda submissas forçadas a viver sobre o domínio dos militares. Tudo isso é fruto da forma de viver do período colonial herdada pelos aspectos torturantes de submissão de uma sociedade patriarcal tornaram espelho na formação dessas novas nações. De acordo com Secco 2003:

[...] os anos de 1950 assistiram uma nova divisão de territórios coloniais, que Senghor chamou de balcanização da África, ou seja: a pulverização de pequenos estados sem poder a tradição de uma submissão forçada a um colonizador comum se superpôs às identidades parciais étnicas linguísticas e culturais (SECCO, 2003, p.194).

Nesse contexto fica claro, quais eram a real intenção na divisão do continente, que na verdade ainda iriam manter a dependência administrativas dos poderes coloniais ainda aos olhos dos Europeus, pelo o domínio militar, que de

forma parcial iriam continuar domesticando e forçando os colonizados mais oprimidos a viverem nas regras de convivências dominantes.

Somente no final dos anos 50 para o início dos anos 60 que foram surgindo os primeiros movimentos que eram contra as ordens colonialistas, porém com a “bandeira” solta e largada do nacionalismo, nesse período iniciaram também as teorias revolucionárias de práticas meramente radicais marcadas claramente na obra de Franz Fanon, *Os condenados da terra*, de acordo com Rosane Viera Pezzodipane:

Franz Fanon, vai reforçar o argumento da transculturação e de como as categorias podem ser afetadas pela contingências. Em *Os condenados da terra* (1961), o autor denuncia o processo brutal da colonização francesa na Argélia, que teve como consequência a destruição de uma sociedade que se desenvolvia economicamente de forma autóctone e teve esse processo interrompido para dar passagem ao imperialismo Europeu (VIEIRA PEZZODIPANE, 2013, p.90).

As experiências vividas, marcadas nas histórias do período colonial, por meio das obras literárias, apresentavam aspectos de representação reais desse período, marcado pela dominação brutal, desumanização, perda de identidade, preconceito, dentre outros aspectos que banalizaram a vida dos colonizados e que provocaram um grande desequilíbrio no processo de reconstrução identitária, cultural e nacional dos mais oprimidos como mostra Franz Fanon em sua obra. Todos esses aspectos influenciaram a origem de movimentos anticoloniais, que buscavam conquistar as independências políticas, mostrando o poder da mobilização militar por meio das guerras na derrubada da dominação que o continente Europeu exercia sobre a África, as suas ideologias, práticas radicais e ações militares, legitimaram as novas ideologias discursivas críticas do pós-colonialismo, dando início, a guerra de libertação e a outros movimentos guerrilheiros.

O pós- nacionalismo evidenciou as esmigalhas das conformidades sócio - histórica e cultural posterior de uma ideologia que conduz a um domínio completo assimilado ao que saiu das independências, pois o nacionalismo pode ser interpretado como poder grandioso no desempenho em criar uma percepção de identidades.

Dentre esses movimentos guerrilheiros destacaram-se: O Movimento pela a Libertação de Angola-MPLA, Os Tradicionalistas, presos a identidades locais reais e imaginados, e os Nacionalistas Étnicos.

Nas colônias de Moçambique aumentava a dificuldade de civilização e aculturação de Portugal na partilha de sua cultura com os colonizados, devido os vários aspectos sociais, morais e étnicos que os afastavam do cativo dos mais oprimidos, aspectos esses que obrigavam os africanos a realizar trabalhos forçados dentre outras torturas que atacavam a dignidade humana e assim cada vez mais tornava mínima a capacidade civilizatória dessas colônias.

Os colonizadores (BRANCOS) sempre agiam com uma ideologia de cunho racista, de práticas sociais de exclusão com os africanos, atos brutos desumanos, e torturantes. Vale ressaltar aqui que, o pequeno número que formava a burguesia colonial instalados nas colônias de Moçambique e Angola era um número insignificante que não se misturavam com os grupos sociais de raça negra, estudos mostram que até os anos de 1940 o índice de brancos instalados nessas colônias era baixíssimo o que dificultava o processo civilizatório e desenvolvimento dessas colônias, no entanto, os poderes Europeus tendiam a ficar cada vez mais fraco.

A colonialidade do poder explica, igualmente, a dinâmica do poder dentro do mesmo âmbito de jurisdição, sob os auspícios de uma concepção hierarquizada da humanidade, naturalizada historicamente para atender aos objetivos econômicos e políticos de um mundo em transformação, em que os indivíduos “superiores” exploram, expropriam, negam e se prevalecem de seus “inferiores” (VIERA PEZZODIPANE, 2013, p.94).

É importante lembrar, que a construção das novas nações africanas, ainda seguiam um modelo patriarcal colonial das populações de origem Europeia, isso ainda era reflexo do período colonial e seus aspectos, como também da falta de recursos, na verdade essas nações não tinham uma base nem meios de sobrevivências que assegurassem na formação de nações libertas e verdadeiramente emancipatórias, pois mesmo Portugal tendo declarado as colônias como províncias ultramar ainda mantinha um espécie de dominação indireta, nesse modelo do real estatuto político das colônias e colonizados como mostra Secco na sua obra intitulada *Nacionalismo na África Portuguesa*, quando mostra como eram feitas as distribuições territoriais e como lidava a formação das novas colônias africanas.

Tratava-se de territórios ocupados e mantidos sob a tutela metropolitana, predominantemente, pelo o uso da violência. Tanto assim que os governadores do Império que exerciam sua autoridade Guiné, Cabo Verde, São Tomé, Príncipe, Angola, Moçambique, Diu, Damão, Goa, Timor Oriental

e Macau eram quase sempre militares. Porque era militar a primordial função das colônias (SECCO, 2003, p.196)

Nesse contexto está visível a grande influência que o período colonial exercia sob a formação da nova África, de modo que suas características, opressoras, violentas, torna-se primordial função nas colônias, pautadas e presentes nas ações e nos modelos de regras de convivência e sobrevivência meramente despótica, torturantes e violentas da vigilância das Forças Armadas.

Ainda nessa linha a exploração econômica se dava por meio da tentativa compulsória do trabalho, da desarticulação de tradições culturais e das maneiras impostas de viver, seguidos das formas ilusórias de compensações não existentes que eram oferecidas pela a capital, sem condições alguma de manter de pé uma nação, pois a formas de trabalho que eram oferecidos de formas pré-capitalistas e toda compensação desse trabalho era restrito apenas para o colonizador. De acordo com Secco “Mesmo os programas que fundamentaram os partidos guerrilheiros preferiam mais a velha ideia de nação do que do socialismo, que se reduzia a uma mera referência no imbróglio ideológico desses tempos” (2003 p. 197).

Essa é uma ideologia que ficou marcada e enraizada na vida do povo africano por muitos anos, seguindo a direção do comunismo nacional de propensão bastante resistente, de modo que, o nacionalismo e o republicanismo, era visto como um modelo de fórmula vaga, razoável para os objetivos e metas elaboradas sob as questões políticas, sociais e culturais dos partidos Africanos.

A descolonização dos países colonizados foi um processo que aconteceu lentamente, devido os fatores e aspectos característicos desse período que foram internalizados e ficaram literalmente enraizados no sistema social patriarcal desses países subalternos. Segundo Sérgio Costa:

A desconstrução da dicotomia “*Rest / West*”, passa, primeiramente, pela reinterpretação da história moderna. Com efeito, a releitura pós-colonial da história moderna busca reinserir, reinscrever o colonizado na modernidade, não mais como parte constitutiva essencial daquilo que foi construído, discursivamente moderno (COSTA, 2006, p. 121).

Ainda nesse contexto Costa fala que, torna-se necessário analisar bem, historicamente todos os fatores do processo colonial, levando em consideração as suas características “transnacional” e “transcultural” sob as persistências desses fatores que resultaram a continuidade do poder e dominação na formação das

colônias nacionais, pois, com o término do sistema de práticas colonialistas, surge um novo conceito de estabelecimento de poder e domínio econômico, político e social que classifica ao imperialismo sob, as novas formas de administração, esses fatores externos e internos contribuíram para a construção das ideologias de descolonização, elaboradas por meio de uma visão crítica sob a compreensão da real história do colonialismo legitimando, as ideias revolucionárias do pós-colonial na reconstrução das nações contemporâneas modernas. Hall Stuart (2005, p.96) “O ressurgimento do nacionalismo e de outras formas de particularismo no final do século XX, ao lado da globalização e a ela intimamente ligado, constitui, obviamente, uma reversão notável, uma virada bastante inesperada de acontecimentos”.

Somente nos anos 70 após a revolução dos escravos, Portugal começa a perder o poder sobre o país Africano. Nesse período a escrita literária era voltada para os colonizadores e o idioma ainda estavam enraizadas marcas opressoras, pois ainda existia um índice grande de colonizados analfabetos, que não dominavam a leitura e a escrita, justamente por falta de base estrutural na formação dos estados. Em Moçambique, por exemplo, existia um grande problema de letramento onde 92% da população eram analfabeto o que dificultava o acesso dos mais oprimidos as leituras e os afastavam das práticas literárias do país Africano.

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma língua única vernacular como meio dominante de comunicação em toda nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como por exemplo, um sistema educacional nacional (HALL STUART, 2005, p.49-50)

Nos anos 80 pós-independência de Moçambique, a sociedade moçambicana é colocada dentro de um patamar de sociedade globalizada, porém de forma manipuladora, pois o governo se aproveita do problema de analfabetismo do estado e usa a mídia por meio de aparelho de TV comunitária que eram instalados na praça das comunidades moçambicanas no intuito de atrair e manipular por meios dos programas a formação cívica do povo Moçambicano.

Essa foi uma das formas de manipular a formação cívica, diante de uma condição extrema de analfabetismo e letramento que o condicionava a um conflito que dificultava a independência do povo africano, ainda estavam no processo de adaptação desse período de transição do colonialismo para o pós-colonialismo. De acordo com Cabaço fica claro o problema da urbanização e desenvolvimento

industrial e estrutural dos estados, dentro do aspecto de globalização e modernidade do povo africano.

Constatávamos a clivagem existente entre dois mundos. De um lado, uma realidade pré-industrial, fundada na oralidade, limitadamente aculturada, em que os fenômenos só ganhavam sentido concreto, se encaixa na sua unidade harmônica do seu mundo de certezas. Do outro lado, uma sociedade culturalmente industrial, impregnada do simbolismo da escrita e da imagem, onde a compreensão dos fenômenos procede da sua abordagem analítica e da dúvida como pressuposto de método (CABAÇO, 2004, p.61-62).

Nesse contexto o autor fala da diferença de uma sociedade industrial e materializado pelo o qual Moçambique era colocada nessa globalização imposta, onde era incorporada a aculturação do povo por meio da oralidade e da linguagem cinematográfica, no entanto a falta de compreensão e entendimentos por parte dos africanos ainda era grande, pois a classe oprimida não conseguia compreender a mensagem que lhes eram repassadas, assim como a escrita que não acontecia por conta do problema do analfabetismo. Com esses aspectos é possível constatar que mesmo com o fim do colonialismo Moçambique ainda continuou vivendo sob o problema da dominação por parte do grupo governamental político, pois os estados foram formados, porém sem alicesse suficiente para safar os problemas deixados pelo o colonialismo, como por exemplo, a miséria, o analfabetismo dentre outros aspectos que ainda estavam impregnadas em uma nação ainda predominantemente oral.

Cabaço afirma que “A dominação colonial foi um instrumento essencial de periferização. A história recente de Moçambique, antes da independência, evidencia como as formas de expressão cultural pré-industriais foram irremediavelmente segregados” (2004 p.63). O objetivo das forças armadas em manter o sistema colonialista era de aculturar por meio de uma política opressora dominante, pois era um sistema governamental que cesurava de forma discriminatória.

O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar as glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade (STUART, 2005, p.56).

O pós-moderno ultrapassa alguns tipos de modernismo, ou seja, é o mesmo que equivale a uma modernidade elevada que se eleva a si mesmo. No tópico a

seguir entenderemos mais um pouco sobre o que é o termo pós-colonial e o termo pós-moderno.

1.1. Pós-Colonial e Pós-Moderno

A modernidade Ocidental tornou-se uma “importância universal” e o pós-modernismo adere despoticamente a sua relutância a esta presunção. Nesse contexto o pós-modernismo pode ser visto, como a exposição de teorias das múltiplas distinções que exprime uma dinâmica implícita da modernidade cultural, a necessidade individual de cultivar em um espaço para si mesmo. O modernismo visa à polpação do mundo como grande êxito da razão, já o pós-moderno recusa a esta presunção, consentindo a multiplicação das distinções, no domínio da reoterização, que a modernidade começara.

O pós colonial pressupõe, por conseguinte, uma nova visão da sociedade que reflete sobre sua própria condição periférica, tanto a nível estrutural como conjuntural. Não tendo o termo necessariamente a ver com a linearidade do tempo cronológico, embora dele decorra, pode uma temporalidade que agencia a sua existência após o processo de descolonização (MATA, 2000 p. 09).

O termo pós-colonial surge nos anos 70, porém somente a partir dos anos 80 que esse termo começa a se fortalecer, tornando-se mais influente alterando as críticas e opiniões de modo não explícito, ao que corresponde a formação nacional, liberdade, cultura e identidade.

Obviamente na perspectiva cronológica o termo pós-colonial, surgiu há muito tempo atrás, no entanto, somente a partir dos anos 70 que iniciaram as discursões políticas em torno do estudo das questões abrangentes nesse termo e sua legitimidade, no qual foram observados e analisados os aspectos referentes a descolonização que prosseguiram à Segunda Guerra Mundial, considerando a relação de poder singular em que o Estado exercia sobre os países pré-independentes, restabelecendo a teoria marxista, do estado capitalista, cujo esse estado não avançaria pois é o estado capitalista que surge das experiências históricas do período colonial e dos acontecimentos da descolonização.

O propósito das ideologias pós-coloniais era de ocasionar uma reflexão e contribuir de forma não explícita para o questionamento coerente relacionada a construção de saberes e as ideologias nas práticas culturais com relação as

potências colonizadoras, imperialistas ou ex-imperiais, levando em consideração as experiências dos subalternos, dos mais oprimidos no período da colonização, sendo considerados relevantemente as suas construções culturais.

Se o pós-colonial refere-se ao início do fim de um ciclo de poder geopolítico, isso não quer dizer que registra a anulação das suas consequências, comportando até a internalização das antigas relações dominadora de cunho opressivo.

A grande influência política e cultural, dominantes que o Ocidental exercia sobre os países recém-independentes, no contexto literário, filosófico, e em todos os aspectos culturais eram meramente real. Nesse sentido o termo pós tanto de pós-modernidade como de pós-colonial pode ser visto como um termo de práticas teóricas inexistentes no sentido de que ainda era notável o domínio influente da Europa Ocidental sobre os países recém-independentes.

[...] se a pós-modernidade filosófica é, no momento uma das formas dominantes do pensamento social e político euro-americano, o que hoje se domina “teoria pós-colonial” encontra-se entre as múltiplas formas discursivas pós-modernas ou, mais precisamente um estilo cultural auto reflexivo no interior da pós-modernidade filosófica (AHMAD, 2002 p.17).

É possível perceber que o pós-modernismo como uma teoria ocasiona-se apenas de tal prática que não se concretiza, pois, na verdade se existe aí uma prática inexistente inteiramente teórica no que se refere a uma teoria da pós-modernidade cuja, prática é uma mera teoria seja literária ou filosófica. Para tanto vale ressaltar aqui o conceito e definição dos pilares de saber relacionado a questão cultural: Ideologia e pós-colonial refletindo sobre o que é cada uma dessas esferas e qual era o verdadeiro objetivo na formulação cultural.

Podemos definir a ideologia como um arcabouço representativo que permite ao indivíduo visto como sujeito individual relacionar de forma imaginária a sua relação real vivenciadas com as relações transpessoais ligadas às relações estruturais, sociais ou lógicas, coletivas históricas, auxiliando assim, o indivíduo na organização contextual da formação identitária, ligando o sujeito com o social por meio do sistema variado de valores morais, étnicos, sociais condicionados por essa categoria que determina as ações práticas destes valores, por meio do comportamento, dos hábitos e da ação do sujeito na história naturalizada no que desrespeito a cultura e a sociedade.

Dando continuidade na reflexão desses pilares, vale analisar e refletir sobre: o que é o pós-colonialismo? A que se refere esse termo?

O pós-colonial é um termo como já foi supracitado muito antigo que não existia uma única e determinada teoria, mais o que prevalecia eram variadas percepções relacionadas aos estudos epistemológicos da formação cultural, identitária do indivíduo. Essas percepções, visam o sujeito como um instrumento de análise nas relações hegemônicas eurocêntricas ligadas as relações de poder na sociedade, caracterizada por grupos sociais diferentes, como por exemplo: etnia, raça, classe social, gênero, dentre outros grupos. Nesse contexto vale ressaltar que as ideias do pós-colonial intenta o funcionamento como instrumento analítico das relações de hegemonia ligadas a colonialidade do saber por meio da resistência estrutural da propensão hierarquizante como, por exemplo, o eurocentrismo.

[...] o pós colonial denuncia a sua marca de dependência e um compromisso contraditório com o empreen

dimento que o procedeu e possibilitou e que, para o combater, tem de dirigir o que, ao meu ver, não tem conseguido antes antagonizando as diferenças. Para criticar o colonial, incorporá-lo, dialogar como ele e prescrever, pois, como observa Richard Werber “em muitos lugares pessoas trazem consigo traços poderosos e as vezes intimamente dolorosos do passado colonial e pós colonial que informam a(s) política(s) do presente” (MATA 2000, p.11).

O debate entre os diversos estudiosos das mais diversas áreas centrava em uma discursão relativa ao problema da teoria política e de conjuntura histórica e cultural do pós-colonial. Os discursos relacionados às relações entre sujeito e objeto das quais os paradigmas são marcadamente eurocêntricas correspondem a formulação do pós colonial, como uma ideologia que não esconde os desacordos e contestação nas relações de classes sociais, étnica, gênero e outras, ajudando a compreender e instruir das relativas ao espaço relacionado as questões de poder e dominação levando a uma análise geocrítica do eurocentrismo.

O aspecto surpreendente da teoria culturalista do pós-colonialismo, tal como surgiu mais tarde, seguindo-se à remodelação (worked over) da academia euro americana pelo pós estruturalismo Francês, é que ela não guarda qualquer das virtudes daquele debate, mais todos os seus defeitos e acrescenta muitos outros (AHMAD,2002 p.17).

Esses aspectos que difere as teorias sobre as relações de semelhança e diferenças, de rompimentos e interrupções computadas no período da pós-

independência, a fim de não suceder ao que se refere a crítica na condução das mudanças, a transição teóricas elucidativas de uma conjuntura histórica para as extensões outras apenas pela sua iminência afetiva ou intimamente ideológica.

Nesse contexto cito aqui um dos resultados do “conceito de *différance*” que é a contingência relevante de se pensar na formação identitária no aspecto nacional, social e cultural, como um processo em progressiva reconfiguração, por isso, é de grande relevância observar e levar em consideração as especificidades desse processo de colonização dos países africanos e as consequências no processo de emancipação política de cada um dos países recém-independentes. O termo colonial, utilizados por autores tradicionais na definição do pós-colonialismo referente a uma descrição do período da pré-liberdade emancipatória que na verdade continuava sendo um sistema meramente colonizador em vários aspectos.

Após a segunda guerra mundial historiadores fizeram o uso do termo pós-colonial para caracterizar os países que recentemente tinham tornado independentes. Esse foi um termo antigo designado a mostrar os países a “independência” que na verdade não existia, no entanto esse termo expandiu várias críticas das mais diversas áreas nos anos 70, dando um novo rumo aos e estudos voltados a ideologia desse termo, passando a tornar um termo utilizado pela crítica para discursão das consequências do período colonial.

Ainda nesse contexto entende-se o pós-colonialismo como um termo que possui uma expansão de estratégias discursivas, construtivas, críticas e teóricas que baldam a visão do regime colonial, sendo suscetível e englobando o originário escrito das ex-colônias, juntamente com uma determinada série de práticas discursivas em que prevalece a resistência e valores coloniais que comprometeram a expansão do corpus, condicionando a inclusão de outras textualidades, que relevam as acepções críticas sobre o período, não só dentro da literatura.

As duas faces colonial/pós-colonial, todavia utilizado como uma camada necessária para a formação continental e histórica do mundo. Ao incluir o pós-colonialismo ao mundo, aplica a inclusão de vários pontos caracterizados nas teorias e críticas destinadas a esse termo. Como aponta Amand Aijaz quando se refere ao termo pós- colonial.

[...] o termo “pós- colonial” revidenciou “como seu berço principal o terreno que tempos atrás era denominado Terceiro Mundo”. O movimento

característico, quando o pós-colonialismo foi assimilado à pós modernidade, não foi meramente o de “abolir todas as distinções entre centro e periferia”, mas abolir inteiramente as coordenadas e temporais; “pós-colonialismo”, passou a ser agora o lugar onde a “condição humana” tem vivido tempo mais simples (AMAND,2002 p. 21-22).

Atualmente estudos revelam parâmetros da teoria pós-colonial demonstrando as verdadeiras intenções dessa teoria, cobertas dos mais diversos tipos de dominação política, cultural e econômica. As reconquistas do mundo anglo-saxônico se deram devido a constituição de estudos e abordagem que problematizavam as questões culturais relacionadas aos ex- colonizadores e ex-colonizados, cultura essa, que de acordo com os críticos e estudiosos foram realmente afetados pelo o processo e o período de dominação colonial até os dias atuais.

Enquanto conceito de origem anglo-saxônica, o pós-colonialismo toma realidade fundadora do colonialismo britânico, no campo dos estudos literários começa a desenvolver-se a partir da década de 60, com a revisão das novas literaturas produzidas pela “common-wealth”, sua integração nos currícula, bem como surgimento de casas de editoras que promovem a publicação oriundos de África, da Índia e de outras zonas ex-coloniais britânicas (LEITE,ANA MAFALDA 2013, p.10)

Os estudos voltados ao pós-colonialismo com afinidade com os estudos culturais comporta uma reflexão sobre as mudanças teóricas, relacionadas as ações migratórias entre o local e o global e abaliza uma critica das praticas culturais nas perspectivas da sua sobreposição com as relações de domínio.

O panorama analítico desse termo denominado aí, surge da acepção política da crítica literárias, na qual as teorias buscam colocar dentro da literatura original, tanto as condições de produções como os contextos socioculturais, nesse desenvolvimento das novas obras e nas novas literaturas.

O subsídio político cultural possibilitou aos estudos literários a atribuição de valores dialogando as epistemologias tradicionais com os saberes particularizantes de civilizações, é por meio dos estudos culturais que promoveu a interação das categorias literárias e criticas das obras, analisando os temas abordados e as questões ideológicas no contexto político e cultural.

Estudos sobre o pós colonialismo 1, sobretudo de tradição anglo-saxônica discutem o alcance desta ideia: alguns entendem-se como referente à situação em que viveram as sociedades que começam a agenciar a sua existência como advento da independência.” (MATA, 2000 P.1)

Ainda nessa linha de pensamento o pós-colonialismo presume um novo devaneio da sociedade que refletem das suas presunções históricas sobre a sua própria condição contornal diligenciando, apropriar-se e adaptar-se à introdução de novos espaços, que apontam novos caminhos de corporificações e legitimidades socioculturais de forma significativas, cujo, os artifícios de afinação excedem os limites dos indivíduos relacionados a tradição, a abertura desses espaços do colonialismo, bem como das que libertaram-se dos regimes do pós independência.

Outro conceito a ser considerado é o de literatura pós-colonial que pode ser entendida como toda produção literária do povos colonizados pelas potências europeias entre o século XV e XX. Portanto as literaturas em língua espanhola nos países latino-americanos e carinbenhos; em português no Brasil, Angola, Cabo Verde e Moçambique [...], são pós-coloniais (BONNICI, 1998 p.09).

Vale ressaltar que mesmo com vários aspectos estéticos e estilísticos que difere as escritas dessas literaturas, todas elas surgiram das experiências traumáticas do período colonial. No contexto atual a critica relativa ao pós-colonialismo visa uma abordagem recíproca para compreensão do imperialismo e suas influencias no processo de descolonização.

A crítica pós colonial é testemunha das forças desiguais e irregulares de representação cultural envolvidas na competição pela autoridade política e social dentro da ordem do mundo moderno. As perspectivas pós coloniais emergem do testemunho colonial dos países do terceiro mundo e dos discursos das “minorias” dentro das divisões geopolíticas de Leste e Oeste, Norte e Sul (BHABHA, 1998, p. 239).

Essas perspectivas ideológicas interferem nos percursos das ideologias modernas que buscam atribuir “normalidade” ao poder dominante no desempenho desigual das mais diversas histórias do sujeito no tempo histórico social e cultural. São essas “normalidades hegemônicas” que manifestam suas análises críticas de assuntos culturais, sociais e políticos, sendo observada, a diferença entre as culturas, a soberania e discriminação dentro do social e da política, para evidenciar os momentos contrários estabelecidos entre as nações e os valores diferentes internalizados nas racionalizações da modernidade.

A cultura como estratégia de sobrevivência é tanto transnacional como tradutora. Ela é transnacional porque os discursos pós coloniais contemporâneos de deslocamento agora acompanhados pelas ambientações globais de mídia tornam como a questão de como a cultura

significa, ou o que é significado por cultura, um assunto bastante complexo (BHABHA, 1998, p.241)

O pós-colonial tenta explorar as patologias sociais, fragmentadas nas casualidades históricas extensamente dispersas. Essas casualidades assiduamente são os alicerces necessários na elaboração subterfúgio, legitimador de fingir outras incontabilidades de ideias sociais. É de grande importâncias diferenciar aspectos e semelhança dos símbolos por meio das provas culturais diversificadas como por exemplo : a literatura, a arte, dentre várias outras produções.

As Literaturas Africanas de Expressão Portuguesas tem oferecido variedades temáticas da pós-colonialidade, e é vista como uma literatura de postura ideológica anticolonial na busca pela recuperação cultural identitária e política do povo africano. As diversas obras literárias refletem e comprovam simbolicamente as propostas complementares de aliança desfavorável a soberania do período colonial, as reivindicações pós-colonial expostas nas literaturas africanas de expressão portuguesa refere-se ao desenvolvimento da ideologia libertária incorporado a tradição libertaria africana e a reminiscência, como símbolos representativos, presentes na estética e no contexto das escritas literárias.

1.2 A formação da identidade social e cultural do mundo globalizado, causas e consequências do colonialismo e Pós-Colonialismo.

Na era do modernismo, marcada por um rápido processo de globalização e mudanças nas esferas políticas, ideológicas e sociais. A globalização trouxe consigo um período de transformações nas práticas e relações sociais, essas modificações originaram as várias vertentes na linha de formação identitária, cultural e com relação a questão de gênero. O conceito formulado na década de 80 de masculinidade recusa a visão eurocêntrica na formação de um espaço igualitário que resulta da dicotomia entre o tradicional e o moderno. De acordo com os estudos de Sofia Aboim:

Nesta perspectiva inquirir sobre a (s) masculinidade(s) de homens Moçambicanos implica, pelo menos, duas ideias. Por um lado, recusar uma visão eurocêntrica ou ocidentalista das duas relações de gênero normalmente resultante na dicotomização do tradicional com o moderno, a favor da conceptualização da pluralidade; por outro estar ciente de que advogar a pluralidade conduz habitualmente ao entrecruzamento de

diferentes lógicas e (global e local, pré-colonial, colonial e pós-colonial) e deve, por isso, envolver reflexões sobre a modernidade e a sua complexidade histórica (ABOIM, 2008, p.273-274).

A masculinidade hegemônica corresponde a concepção de uma relação dominadora gerada pelo o processo colonizador enquanto produto histórico, é uma forma de manter o poder sobre uma pessoa, um grupo social, manter sobre domínio a classe menos favorecida os subalternos. Não existe apenas a masculinidade representada apenas pelo o domínio que o homem exerce sobre a mulher, mais formas diversificadas dominantes como acontece, com os vários grupos sociais que são excluídos da sociedade, por não estar no patamar sociedade patriarcal dita como é o caso da homossexualidade que é excluída de forma compulsiva pelas pessoas, heterossexual também a questão da diferença de raça, cor, classe social dentre vários outros grupos de oprimidos e de forma compulsiva são marginalizados e excluídos.

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando nascia e com ele desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo (HALL STUART, 2005, p.10-11).

Para Hall Stuart o sujeito do iluminismo se compara as concepções de cunho individualista associada ao “masculino” uma concepção centrada numa dominação masculina por herança do colonialismo, de interesse meramente individual.

Devido os diversos problemas na estrutura de “reconstrução” de formação das nações no processo de descolonização, os aspectos de dominação hegemônica, implantada na formação das nações com de regras sociais e estereótipos, ditados por uma sociedade de modelo meramente tradicional, apresenta um modelo de ser homem e de ser mulher. Ainda nesse contexto as ações revolucionárias feministas influenciaram e originaram as mais diversas transformações no contexto social, político, econômico e familiar, que ainda mantinham regras de convivência patriarcais, uma sociedade baseada nas tradições coloniais dominantes, principalmente no diz respeito aos direitos masculino sobre o feminino uma das heranças deixadas pelo o colonialismo.

O quadro institucional oferecido pela nova Lei da Família, aprovada em 2003 constitui um ponto de partida importante. Esta lei substitui a herdada

do período colonial e põe fim a uma visão genderificada da família, prevalecendo durante “Estado Novo” e depois incorporada no Moçambique independente. Propondo uma visão moderna de família, em que os papéis de gênero devem ser igualitários, tenta combinar a universalidade dos direitos individuais com a lei consuetudinária que tradicionalmente regulava a família e as relações de gênero (ABOIM 2008, p. 277).

A modernização globalizada teve seu lado bom no processo de desempenho da nação moçambicana, no entanto acarretaram a vários problemas, na questão da estrutura econômica, cultural e social, pelo o qual a falta de desemprego dentre vários outros problema característicos dessa revolução industrial no mercado resultaram, as migrações de áreas rurais para cidade, aumentando a urbanização e alterando o jeito de viver das comunidades rurais, que por sua vez passaram a incorporar normas capitalistas, sociais e costumes das comunidades urbanas, visto como um processo de globalização e modernismo de Moçambique.

A Lei Família foi criada na tentativa de acompanhar esse processo de globalização com o objetivo de incorporar novas maneiras de viver rompendo aquelas regras de características patriarcal herdadas pelo o período colonial, esta lei de buscava incorporar um novo Moçambique independente, seu maior objetivo era o rompimento dos paradigmas de dominação que como já foi supracitado, ainda estavam enraizados na vida da sociedade Moçambicana. Para tanto, a lei buscava propor uma visão moderna de família, sem diferença de gêneros, cujo, poderes e direitos familiares tornam igualitários em combinação com a universalidade dos direitos sem de gênero, direitos igualitários tanto para mulher como para o homem. Dessa forma, fica claro que essa lei busca defender os direitos das mulheres e das crianças deixando ignorados os modelos tradicionais de família baseadas na poligamia, com isso, a mulher ganha voz e poder dentro desse novo modelo de família moderna.

Os direitos individuais e a busca de igualdade (pontos centrais de ordem moral da modernidade) podem ter um impacto global, alterando as ordens de gênero tradicionais (a África austral e Moçambique não constituem exceções), mas esses efeitos não apagam, sem deixar traços, a história e a cultura locais (ABOIM, 2008, p.278-279).

Mesmo com tanto empenho na criação dessa lei, que procurava copilar as “lógicas híbridas” das ações práticas e sugeria uma cumplicidade dos valores nos modelos familiares de Moçambique transpondo para o mundo contemporâneo, a Lei da Família foi aprovada, no entanto, não entrou em vigor nas práticas e ações das

famílias de modelos patriarcais, nesse contexto não se conseguiu implantar os novos costumes, dessa lei devida os reflexos da sociedade tradicional colonial.

Em sua obra *A Identidade cultural na pós-modernidade* Hall Stuart mostra a identidade cultural que constitui na inserção do indivíduo no contexto histórico, cultural e social da pós-modernidade, que gera as diversas “crises de identidades” diante dos aspectos relacionados, as sociedades contemporâneas.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade etnia, raça e nacionalismo, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito (STUART, 2005, p.09).

Nesse contexto a globalização leva a sociedade a se adaptar as mudanças contínuas, rápidas de aspecto e de caráter do mundo moderno que se relaciona a formação da identidade do indivíduo, por meio das mudanças que ocorre constantemente tanto nas sociedades tradicionais como modernas. Nesse sentido o sujeito meio as transformações e mudanças do mundo contemporâneo frente as representações culturais que os sistemas sociais os colocam ligam a “tradição” a “tradução” no qual se manifestam as concepções do hibridismo cultural, cujo a diversidade nos tipos identidades formulada, isso causa um deslocamento, movimento da formulação tardia da modernidade.

Os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se, afinal, mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas ou seus oponentes. Entretanto, isto também sugere que, embora alimentada, sob muitos aspectos, pelo Ocidente, a globalização pode acabar sendo parte daquele lento e desigual, mas continuando, descentramento do Ocidente (STUART, 2005, p.97).

São as mudanças constantes que causam esse hibridismo cultural, que se consiste nas distintas tradições dentro do processo de formação identitária, essas transformações causam a quebra ideológica das teorias clássicas como “iluminismo” num deslocamento que manifesta a concepção de culturas híbridas, esses aspectos transformadores deixam o indivíduo dividido entre a tradição e as novas formas culturais, das mais variáveis padrões e classes que surge na sociedade.

A transgressão da formação identitária como origem do sujeito abalou as ideologias da Era Moderna, retraindo-o do ponto central. Alguns estudiosos trouxeram teorias que auxiliaram e tiveram suas contribuições na formação da identidade do indivíduo, como Hall Stuart cita na sua obra.

Vale ressaltar algumas dessas correntes teóricas: a corrente marxista que traz a teoria do materialismo histórico – dialético, pelo o qual o sujeito fica recluso as condições históricas, onde a identidade cultural do sujeito está relacionada a tanto a sua história como as transformações surgidas na sociedade. A segunda teoria é a “descoberta” do “inconsciente” defesa do teórico Freud que visa apresentar a “descoberta” do “inconsciente” como a principal responsável pela a formação cultural do individuo, Freud coloca a racionalidade em segundo plano e insere a identidade como essência humana.

Na visão estruturalista linguística o teórico Saussure defende que a língua é um sistema natural e social, e a linguagem é um meio relacionado a formação cultural, ligadas aos valores, ao individuo e sua formação enquanto sujeito social de formação cultural. Hall mostra também as ideias de Foucault quanto ao “poder disciplinar” uma teoria que visa mostrar meio de domesticação do ser humano, que visa assegurar melhor controle com base nas regras e nos poderes administrativos. E por último o surgimento dos movimentos revolucionários e do feminismo e suas ideologias como um aspecto relacionado as transformações e mudanças constantes da modernidade, originando as novas classes e grupos sociais, multiplicando a identidade cultural.

No período pós-colonial esses discursos e ideologias acerca da democracia e expressão de direitos individuais foram ganhando espaço significativo e alcançando varias conquistas que expandiram no mundo contemporâneo ocidental moderno, por meio das incansáveis lutas dos movimentos revolucionários emancipatórios femininos.

2. O FEMININO

As concepções são peças importantes para comprovação analítica reveladora dos pequenos movimentos que se quebram corpúsculamente tomando relevantes áreas, essas concepções podem ser assimiladas as várias praticas dos movimentos

feministas. Vale lembrar que Foucault apresenta vários conceitos relevantes que comportam e comprovam a formação de novos valores éticos dando abertura a novos exercícios políticos e abstratos nos dias atuais, o teórico aborda temas relacionados ao movimento feminismo como identidade, submissão, sujeito gênero e subjetividade. Os conceitos e práticas feministas abrem um leque transformador nas mais diversas áreas: política, social, cultural, ética entre outras por meio da arte, literatura e produções feministas contemporâneas.

A partir do final dos anos 60 e particularmente no texto a “*Ordem do discurso*”, de 1970, Foucault tematiza os jogos de poder próprios aos regimes discursivos. Ele apresenta a Genealogia como complemento de análise arqueológica. As regras de formação dos discursos são complementadas por uma pesquisa que visa à formação efetiva do discurso por práticas não-discursivas (FOUCAULT, (org.) CARDOSO Jr., 2002, p.161).

Foucault faz o uso de uma perspectiva que analisa o pensamento enquanto forma de resistência política, social e cultural dentro do discurso revolucionário feminista, que visa um olhar inutilizador a partir da biologia referente a política, chamando atenção para as múltiplas casualidades referentes a percepção das diversas dimensões das práticas individuais e culturais.

De acordo com a Genealogia as práticas de poder constituem as práticas discursivas, ou seja, elas são geradas de verdades de saber. Nesse sentido, pode-se afirmar que, as relações de poder constituem uma “microfísica” que dinamiza as verdades e as põe em condição de instabilidade histórica, já que elas são relação de gênese para saberes (CARDOSO Jr.2002, P.160).

Nesse sentido pode-se afirmar que a escrita autobiográfica feminista se encarrega de executar a construção do próprio eu cujo, o propósito é libertar-se dos mecanismos biopolíticos de artefato das individualidades, rejeitando a normatividade masculina patriarcal coagida sobre o feminino quanto a elaboração de uma nova visão com relação com o outro. Daí a importância da escrita autobiográfica na construção existencial, formada pela sua própria subjetividade diante da iniciativa ética, testada como exercício da liberdade e não da submissão.

Não se trata de uma busca de transformação, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que si é. Tendo essas concepções como referências, as práticas feministas de si desenvolvidas por Gebara ganham uma nova dimensão.”(RAGO, 2002, p. 5)

Em seu trabalho autobiográfico Gebara apresenta a sua experiência de liberdade por meio desta atividade transformadora da escrita de suas experiências vividas. Ainda nesse contexto na sua analítica:

Foucault insiste em marcar a diferença entre a escrita de si dos antigos e o gênero autobiográfico moderno, em que predomina o tom confessional. Desvelando as dimensões da confissão, ele mostra que esta caracteriza um tipo de narrativa de si e de relação com a verdade que visa purificar o eu pela revelação da mais profunda interioridade, no contexto de uma ética voltada para basta-se a si próprio (RAGO, 2002, p. 5-6).

O ato de falar sobre si próprio, de revelar erros e acertos sobretudo, no comportamento sexual que a sociedade patriarcal normativamente instituiu, predominantemente revela a adequação análise desse comportamento transformado em objeto discursivo de poder que auxilia na busca incansável pela libertação.

O ponto de partida do conceito de poder, começa com a percepção que o próprio Foucault tinha de luta política. Foucault somente acreditava na prática política que tinha como foco as lutas locais e específicas, cujas relações não poderiam mais vir de um processo de centralização nem de totalização (CARDOSO Jr.2002, P.162).

É possível lançar dois olhares sobre a escrita autobiográfica, cujo, o primeiro olhar é o que problematiza a submissão dominadora de conservar a sua própria identidade, a outra visão é de que autobiografia se designa como exercício de formação subjetiva e de trabalho sobre si, ainda nessa linha de pensamento a escrita é um ponto crucial que recai como ponto inicial de poder como meio de confissão que dá abertura para outro.

2.1. Feminismo - gênero e história

Os movimentos feministas visa um estudo analítico, voltado ao gênero observando as hierarquias de gênero, analisando as questões políticas, sociais e culturais na formação identitária, de caráter funcional igualitário na sociedade inserida, suas ideologias relacionadas ao racismo e a desigualdade entre os gêneros e grupos sociais subalternos, são baseados nas busca pelos os direitos igualitários entre os gêneros de sexo masculinos e femininos e na busca da conquista pela liberdade sob os padrões patriarcais que ainda está enraizada na sociedade.

O termo “gênero” enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aqueles que estavam preocupados pelo o fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneiras demasiado estreita e separado utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado (SCOTT, 1995, p. 72).

Nas teorias sobre gênero o contexto histórico são as primeiras referências para se entender a real questão da formulação sobre o conceito de gênero diante do social e cultural. O conceito de gênero surgiu do estudo analítico das várias definições relacionadas ao gênero e ligadas as feministas, que buscava retirar a visão do determinismo biológico e na diferença sexual entre o feminino e o masculino visivelmente no uso de termos como sexo, relacionando o aspecto social da diferença baseadas na diferença sexual.

Vale ressaltar que o gênero tornou um o objeto discursivo importante nas concepções histórica do feminismo, pois, a medida que a mulher subalterna ganhava força e se tornava importante na constituição de uma nova história, vários historiadores não feministas tentavam retirar o reconhecimento e desqualificar os trabalhos de formação de nova história das mulheres, deixando separadas das demais, pois, para esses estudiosos da história essa vertente analítica só caberia apenas às feministas, e por isso esse termo foi fortemente utilizado como elemento principal na ruptura desta separação e na valorização e inclusão da mulher e de todos os sujeitos históricos relevantes no aspecto social, cultural, político e econômico.

Vale lembrar aqui as três grandes correntes que foram criadas por historiadores feministas do patriarcado, marxista, e psicanalítica alcançaram o objetivo de apresentar a concepção de gênero como uma camada indispensável para história, pois finalizava em última exigência, estabelecendo a proposta com duas faces do sexo no geral para história. Foucault apresenta concepções teóricas do poder, que infere o poder sexual como algo que naturalmente se tem, pela objecção e pela censura e propõe uma dicotomia que transmite o determinismo da área biológica para área cultural, de tal modo que o sexo permaneceria designado a tornar-se gênero, o poder nesse contexto é a relação e pratica que implica a resistência.

A era moderna se desenvolve juntamente com o capitalismo e com o processo da globalização industrial, gerando e auxiliando as mais diversas mudanças e transformações nos aspectos históricos e cultural. Dentre essas séries de transformações vale, ressaltar que, as várias teorias ideológicas estão relacionadas às categorias de gênero, raça e aos movimentos feministas originaram a formação de novos grupos sociais e auxiliaram na formação identitária desses novos grupos.

Uma característica marcante da era moderna é a expansão da Europa e o estabelecimento de hegemonia cultural euro-americana em todo mundo. Em nenhum lugar isso é mais profundo que na produção de conhecimento sobre o comportamento humano, histórias, sociedades e culturas. Como resultados, os interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições sociais e categorias sociais de euro-americanos tem dominado a escrita da história humana. Um efeito desse eurocentrismo é a racialização do conhecimento: a Europa é representada como fonte de conhecimento, e os europeus, como conhecedores. Na verdade, o privilégio de gênero masculino como uma parte essencial de etos europeus está consagrado na cultura da modernidade (OYÉWÙM OYÈRÓNKÉ 2004, P.01).

Para se entender e compreender como aconteceram as transformações e fases que auxiliaram na formação social e cultural do mundo moderno e globalizado, é importante levar em consideração os aspectos e acontecimentos históricos e cultural das realidades do período colonial e pós-colonial da era moderna e até os dias atuais observando a condição humana condicionada a nação de cada período.

Na tradição liberal o público fica marcado pelo o interesse coletivo que inclui a esfera civil, já o privado se distingue do privado, pois, o interesse é individual, entendido como a expressão do EU no que diz respeito a uma ordem pública. O feminismo associa privado à “família” e o público à “ordem política econômica” a ideologia feministas nasce com o objetivo de quebrar os estereótipos da sociedade tradicional e dar conexão entre a ordem influentes nas construções de conceitos modernos opostos entre o público e o privado, nas questões relacionadas a diferença de gênero masculino e feminino cuja a dominação é do masculino sobre o feminino vinda do reflexo colonial.

A construção de uma ordem de gênero mais igualitária fez-se, em uma boa medida, através da progressiva invasão do privado, então associado ao modelo de família burguesia e cidadina no século XIX, à medida que a cidadania se tornou mais inclusiva, passando a abranger, além dos homens, também as mulheres e outros grupos inicialmente excluídos (ABOIM, 2012, p.100).

As incansáveis lutas na busca pela igualdade de gênero atrelaram a dicotomia entre o público e o privado no que se refere às mudanças sociais com respeito ao espaço feminino na sociedade moderna democrática, a associação do feminino ao privado e do masculino ao público é vista como uma fonte de desigualdade e injustiça dentro das visões das ideologias modernas democráticas.

Desde início dos movimentos revolucionários que a busca da corporificação da igualdade se faz presente no discurso de suas políticas, no entanto esses discursos possuem divergentes opiniões acerca desses discursos com relação a posição igualitária dentro da sociedade contemporânea.

Os estudos feministas deram início meados a transição do século XIX para o início do século XX, quando as mulheres foram aos poucos conquistando seus direitos igualitários, por meio das suas movimentações e manifestações legais alcançada pela busca incansável de conquistar uma sociedade patriarcal transformada e mais linear no que diz respeito a diferença entre homens e mulheres. Essa busca fundamentaram as bases de estudos feministas nas ideologias, teorias e práticas sociais com relação ao gênero fazendo compreender os aspectos históricos e culturais como uma construção sociocultural.

No decorrer dos séculos XIX e XX os movimentos feministas foram conquistando e ganhando espaço igualitário dentro da sociedade moderna, tudo isso ficou marcado por meio dos aspectos históricos do passado, visto como um importante objeto reflexivo e forte para as lutas revolucionárias, que auxiliaram na formação e transformação social e cultural do mundo moderno.

De acordo com Sofia Aboim 2012 p. 108 “A relação que a igualdade estabelece com a moral e a justiça distributiva, é uma relação contingente, dependente do que é socialmente considerado como desigualdade.” Com efeito, essa desigualdade enraizada na cultura e nas ações da sociedade é de fato resultada do processo de dominação que historicamente ficaram enraizadas nos costumes e culturas no período, o que originou a sérios problemas de discriminação de classe, raça, etnia, dominação masculina. Ainda nesse contexto Sofia Aboim 2012 afirma que “A inclusão das mulheres nas atividades da esfera pública, sob o chapéu da igualdade democrática, levou, no entanto, a caminhos pouco monolíticos quando refletimos sobre os modos da sua concretização no contexto ocidental.”

As lutas revolucionárias femininas se destinam a imposição sobre todos os princípios de dominação que foram implantadas na sociedade africana no período do colonialismo, suas ideologias busca conquistar um espaço libertário e romper a voz silenciada da mulher subalterna.

As obras literárias de expressão portuguesa apresentam, temas que retratam os aspectos históricos do pós-colonialismo, e apresentam elementos estéticos e estilísticos inovadores, que apresentam as lutas e resistências por meio dos discursos no qual os mais oprimidos de posição subalterna, ganham uma nova posição igualitária, ganham a liberdade de expressão e são quebrados os estereótipos ditadas pela sociedade de modelo patriarcal colonial.

Dentre todas as conquistas que ainda estão acontecendo até a atualidade, vale citar algumas que como mérito destas lutas ideológicas revolucionárias, que automaticamente assumiram um papel importante na formação da nação, como por exemplo: a conquista da mulher pelo o direito de votar, pelo o salário sem restrição de sexo, igual tanto para mulher como para o homem, o espaço dentro da literatura, o direito a ter voz ativa, o direito a participar ativamente da política e a se eleger como candidata eleitoral, dentre varias outras conquistas que esse movimento juntamente com outros movimentos revolucionários que auxiliaram para o desempenho globalizado, na formação identitária, cultural, social e político do mundo moderno contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante deste estudo realizado dialogando com as mais diversas ideologias, sobre uma abordagem que objetiva analisar o contexto ideológico histórico do período colonial em reflexos nos conceitos e ideologias pós-coloniais e feministas foi possível perceber e comprovar claramente que, o processo de dominação colonialista permaneceu ativos mesmo depois da emancipação das nações colonizadas, devido às dificuldades econômicas e políticas acarretadas pelo o ciclo de dominação colonial, o que causou um lento processo de descolonização e reconstrução das novas colônias.

No período da pós-colonização Moçambique é colocado na globalização de modo ilusório, a massa governamental pretendia incorporar a aculturação da grande massa populacional que correspondia a classe dos mais oprimidos, marginalizados, subalternos, por meio da mídia como fica supracitado na abordagem desse trabalho, pois um dos grandes problemas herdados por esse período de dominação foi o analfabetismo, como também o racismo e a miséria dentre vários outros fatores que especificamente o povo Africano e outras nações colonizadas sofreram devido este sistema opressor.

O conceito pós-colonial se expande logo depois do “fim” da colonização, no entanto foi um termo que mesmo reportando ao começo do fim de um período caracterizado por um domínio de poder geopolítico, não consigna a extinção das consequências relativas a esse processo de caráter opressivo.

Somente após os anos 70 que o termo pós-colonial passa a ser base nas discursões acerca dos aspectos sociais, políticos e culturais sendo incluídas todas as estratégias de práticas discursivas analíticas que predomina a discursão de resistência às ideologias coloniais. Esse termo se define a uma polissemia, sobretudo quando ligamos ao contexto latino-americano, do qual a discrepância interpretativa vista a um hibridismo e subjetivismo e resistência ao colonialismo estando meramente inter-relacionado ao tempo histórico.

Os estudos teóricos do pós-colonialismo busca adaptar-se as condições de produção e os âmbitos socioculturais em que se ampliam as novas vertentes conceituais com relação a formação cultural, política, social e identitária, que

sucedem ao conceitos e propostas da ideologia do feminismo como genealogia de poder.

Finalmente, as propostas do feminismo, ou dos vários femininos desde a primeira vaga florescente na Inglaterra e nos EUA dos finais do século XIX, tendem a associar o privado a família e o público à ordem política e econômica na tentativa de demonstrar a conexão entre a ordem de gênero desigual e a construção moderna da dicotomia artificialmente criada entre o público e o privado. (ABOIM, 2012 P.97)

As discursões a cerca das ideologias feministas visa observar as hierarquias voltadas à questão de gênero, sendo reformulado o conceito de gênero enquanto sujeito social da sociedade patriarcal, passando a ter um posicionamento igualitário sem restrição de raça, gênero ou cor diante dos aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais da sociedade atuante do sujeito. Como já vimos no nosso estudo a concepção de gênero surge do estudo analítico para retirada da visão antiquada do determinismo biológico com base na diferença sexual, isso implica a uma análise das práticas e regras dos grupos sociais preconceituosas baseadas na diferença entre o homem e a mulher.

Contudo o pós-colonialismo, o pós-moderno estão inter-relacionados pois, uma ideologia complementa a outra e abre um leque de questões discursivas e propostas relacionadas aos aspectos correspondentes a cultura, política economia e formação identitária da sociedade moderna na busca de direitos igualitários para todos os subalternos e marginalizados que tem a voz silenciada, suas ideologias e propostas são de grande importância para formação das novas nações e da reconstrução geopolítica, cultural e econômicas dessas nações, as contexto colonial servem com base de estudo para fazer-se as mudanças propostas na sociedade globalizada moderna.

REFERÊNCIAS

AHMAND, Aijaz. **A teoria pós-colonial e a “condição pós”**. Texto base para uma conferência ministrada na York University, Toronto, em 27 de nov.de 1996.

AHMAD, Aijaz. **Linhagens do presente: ensaios**. São Paulo: Boitempo,2002.

ABOIM, Sofia. **Masculinidadesna encruzilhada: hegemonia, dominação e hibridismo em Maputo**. *Análise Social*, vol.XLIII(2º), P.273-295 ICSUL. Lisboa, 2008.

ABOIM, Sofia. **Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna**. *Rev. ESTUDOS FEMINISTAS*, 20[1]:95 a 117, Florianópolis jan/abr.2012.

BONNICI, T. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**, Mimeses, Bauru, v.19, n.1, p.07-23, 1998

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: editora: UFMG, 1998.

CABAÇO, José Luís, **A questão da diferença na literatura Moçambique**. *Via Atlântica*, nº 7 p.61-69 São Paulo, out.2004.

COSTA, Sergio. **Desprovidencializando a sociologia: A contribuição pós colonial**, RBCC, vol. 21 nº 60 fev/2006.

FOUCAULT, Michel. **Sexualidade, corpo e direito**, Orgs. Luiz Antônio Francisco de Souza, Thiago Teixeira Sebastine e Boris Ribeiro de Magalhães, MARÍLIA: Oficina Universitária; iv,208 p23, CULTURA ACADÊMICA 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**, ed.10º DP&A. 2005.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e Formulações pós-coloniais**. Ed. Colibri 2º ed. Lisboa, nov.2013.

MATA, Inocência. **A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência?** X Congresso Internacional da ALADAA (Associação Latino- América de Estudos de Ásia e África) sobre cultura poder e tecnologia: África e Ásia face à globalização, UCM, P.26-29de outubro de 2000.

MATA, Inocência. **O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa** X Congresso Internacional da ALADAA (Associação Latino- América de Estudos de Ásia e África) sobre cultura poder e tecnologia: África e Ásia face à globalização, UCM, 26-29 de outubro de 2000.

MATA, Inocência. **Estudos pós-coloniais- Desconstruindo genealogias eurocênticas**. *Civitas* , v.14 n.1 P.27-42 Jan/abr.2014.

OYÉWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas.** Trad. Juliana Araújo Lopes. Vol.1, Dakar e CODESRIA, p. 1-8 2004.

PEZZODIPANE, Rosane Vieira. **Pós colonial: a ruptura com a história única,** Rev. Simbiótica, Ufes, v. ún., n.3 Espírito Santo jun.2013.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, vol. 20, nº2 jul/dez p. 77-99, 1995.

SECCO, Lincoln. **Nacionalismo na África portuguesa.** Proj. História, São Paulo(27), p.191-203, Dez. 2003.